

FREDERICK JACKSON TURNER E AS RAÍZES HISTÓRICAS, EPISTEMOLÓGICAS E RACIAIS DO CONCEITO CONTEMPORÂNEO DE FRONTEIRA

Renan Marques Birro¹
Universidade Federal do Amapá

Resumo: Este artigo versa sobre a constituição do conceito contemporâneo de fronteira, fruto do historiador americano Frederick Jackson Turner (1861-1932). A partir do contexto intelectual e social da época, sobretudo nos Estados Unidos e Europa, meu objetivo foi elencar os usos do passado Antigo e Medieval na construção dos modelos historiográficos americanos em finais do século XIX, além de alertar os vieses raciais da abordagem de fronteira turneriana.

Palavras-chave: Turner – Fronteira – Teoria e Historiografia

FREDERICK JACKSON TURNER AND HISTORICAL, EPISTEMOLOGICAL AND RACIAL ROOTS OF THE CONTEMPORARY CONCEPT OF BORDER

Abstract: This article aims on the contemporary concept of frontier, builded by Frederick Jackson Turner (1861-1932), an american historian. From the intelectual and social *milieu* of that time, mainly in United States and Europe, my purpose was highlight the uses of the Ancient and Medieval past in the construction of american historiographical models at the end of nineteenth century, besides of the racial look in the point of view of Turner.

Keywords: Turner – Frontier – Teory and Historiography

A fronteira na História e suas imagens nas cartas e filmes são ideias ligadas inevitavelmente a Frederick Jackson Turner (1861-1932), um historiador americano morto há meio século e arauto desta noção na contemporaneidade. Se os fundamentos teóricos da fronteira nesta perspectiva têm sido constantemente atacados por serem considerados absurdos, sobretudo a ideia do “americano” (ou “americanidade”) constituída no limite Oeste americano, é preciso confrontar a origem conceitual do termo, assim como a própria tese de Turner².

¹ Professor Assistente A de História Medieval da Universidade Federal do Amapá/Campus Binacional e Professor Colaborador do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense; Pesquisador do LATHIMM/USP, do Leitorado Antigo/UPE; do CEPRES/UNIFAP; do Brathair/UEMA; do VIVARIUM /UFPA. E-mail: rbirro@unifap.br.

² De fato, alguns autores contestam o ar imperialista europeu do conceito de fronteira e defendem expressões como “zonas de contato” e “áreas-limite transacionais”. Para mais informações sobre a crítica,

Como denunciou Robert Burns cerca de vinte anos atrás, o conceito de fronteira turneriano é uma espécie de vampiro, morto várias vezes durante o dia apenas para renascer durante a noite e chegar ainda mais longe. O neoturnerianismo, deste modo, ronda a academia em diversas correntes, e a bibliografia e historiografia sobre Turner são por si uma pequena indústria³.

Mas quais seriam as razões para que eu, um medievalista, questionasse a noção de fronteira americana? Neste ínterim, retomo a crítica de Le Goff ao americano: “os historiadores da Idade Média tem corretamente rejeitado a noção americana das fronteiras elaborada por [Frederick Jackson] Turner, uma história do Oeste distante, pois ela não é aplicável a história Européia”⁴. Portanto, o que se conhecia como fronteira na Idade Média até a criação dos Estados foram zonas de encontro onde ocorriam atritos, mas também trocas e também entrelaçamento⁵.

De fato, os termos “fronteira” e “sociedade fronteira” são muito usados por historiadores do período medieval, sobretudo da Península Ibérica, do Leste e da Palestina. É possível identificar algumas expressões que, em maior ou menor grau, abrangem esta natureza: *limes* e *fossatum*, herdadas do mundo romano⁶; *marchio* e *marchiones*, fruto da experiência catalã com os muçulmanos da Península Ibérica⁷;

ver: FRIEDMANN, John. Borders, Margins, and Frontiers: Myth and Metaphor In: GRADUS, Yehuda & LITHWICK, Harvey (Eds.). *Frontiers in Regional Development*. Maryland: Rowland and Littlefield, 1996, pp. 1-20; GEIGER, Daniel. *Turner in the Tropics: The Frontier Concept Revisited*. Tese. Luzern: Kultur- und Sozialwissenschaftlichen Fakultät der Universität Luzern, 2009, pp. 13-19 e pp. 28-43; PRATT, Mary Louise. Introduction: Criticism in the contact zone In: _____. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 2008, pp. 1-12.

³ BURNS, Robert I. The Significance of Frontier in the Middle Ages In: _____. *Medieval Frontier Societies*. Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 308.

⁴ “Medieval historians rightly rejected the American notion of frontiers elaborated by Turner, a historian of the Far West, for it is not applicable to European history” (LE GOFF, Jacques. Introduction In: _____. *The Birth of Europe*. Oxford: Blackwell, 2005, p. 4).

⁵ LE GOFF, *op. cit.*, p. 4, nota 4.

⁶ Sobre *limes*, alguns exemplos (inclusive do período antigo): MARCUS TULLIUS CICERO. *Epistulae ad familiare*, 3, VIII; QUINTUS HORATIUS FLACCUS. *Carmina*, 1, XVI; PUBLIUS OVIDIUS NASO. *Metamorphoses*, 1, V; PUBLIUS VERGILIUS MARO. *Aeneis*, 2, DCXCII. São 848 referências em toda literatura clássica. No período medieval, ver: ADAMUS BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum*, PL 146, 0630B; ALCUINUS INCERTUS. *De divinis officiis*, PL 101, 1177C; AUGUSTINUS HIPONENSIS. *Confessiones*, PL 32, 0675; AVITUS VIENNENSIS. *De Mosaicae historiae gestis*, PL 59, 0329B; BEDA. *Homiliae*, PL 94, 0203A; BENEDICTUS ANIANENSIS. *De concordia regularum*, PL 103, 0910A; BERNARDUS CLARAEVALLENSIS. *De praecepto et dispensatione*, PL 182, 0868C; BENEDICTUS NURSIAE. *Regula cum commentariis*, PL 66, 0385A; BURCHARDUS WORMACIENSIS. *Libri decretorum*. PL 140, 0567A. A lista prossegue com 198 menções somente na Patrologia Latina. Para *fosso/fossatum*, ver: AMMIANUS MARCELLINUS. *Rerum Gestarum*, 2, XI; VULGATA (1Re 1,18; 2Re 2,3); PLINIUS. *Naturalis Historia*, 3, XLVII; TITUS LIVIUS PATAVINUS. *Ab Urbe Condita Libri*, 31, XXXIV (entre outras menções); SENECA. *Controversiae*, 10, V; GAIUS JULIUS CAESAR. *De Bello Gallico*, 2, V; MARCUS ANNAEUS LUCANUS. *Pharsalia*, 3, CCXCVIII. A quantidade de referências sobre *fosso/fossatum*, assim, supera igualmente a casa das centenas.

⁷ Do franco *marka*, do inglês antigo *mearc*, do nórdico antigo *mörk*, derivado de *merki*, significa de maneira geral o limite entre dois centros de poder. Vale ressaltar que *marchio/marchione* deu origem ao

frontera dos homens de Castela e *frontière* dos franceses, ambas do século XIII⁸; há ainda a *merki* e *marki* em antigo nórdico, para os homens do Norte⁹, e uma infinidade de expressões nas demais línguas vernaculares medievais.

Apesar desses termos, não é possível notar *a priori* qualquer relação entre o americano e o exercício do especialista do período medieval. Mas, a partir da adoção direta da ideia turneriana ou da crítica, vários estudiosos da Idade Média foram na contramão de Le Goff e observaram de perto a pesquisa sobre a fronteira americana e sua possível aplicação no período estudado. De James Westfall Thompson e seus trabalhos sobre a Germânia (1913), posso avançar para Archibald Ross Lewis (1958) – talvez o mais notável de seu tempo –, Lynn White Jr. (1965), Robert Bartlett and Angus MacKay (1989), passando ainda por Alan Murray (2009 e 2012), entre outros pesquisadores hodiernos do âmbito anglofônico que aqui poderiam ser igualmente elencados¹⁰.

Ademais, poucos observam que Turner publicou seu trabalho como uma reação à pretensa continuidade de preceitos medievais nos EUA. Turner alimentava desde a juventude um interesse pelos clássicos e, de fato, um arrebatador empenho nas artes Retórica e Oratória¹¹. Assim, ele concentrou seus primeiros estudos nos Clássicos, com estudos de Latim e Grego. Para seu proveito, seu mentor na University of Wisconsin entre

marquês/margrave (margrave, por sua vez, originário de *markgraf*, ou seja, “conde da fronteira”), os nobres com grandes poderes que viviam nos limites do reino (March *In*: HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. 2014. www.etymonline.com; FOUCHER, Michel. The Geopolitics of European Frontiers *In*: ANDERSON, Malcolm & BORT, Eberhard (ed.). *The Frontiers of Europe*. London: Cassel, 1998, p. 235).

⁸ Para Paula Banerjee, o termo *fronteira* é mais usado para o caso americano, enquanto *boundary* é o termo mais comum no Ocidente europeu. Para ser mais claro, as fronteiras seriam irreais e naturais, estabelecidas com o avançar do contato, enquanto os *boundaries* (aqui traduzidos como limites) foram entendidos enquanto separações lineares e artificiais. Em suma, o limite é uma linha e as regiões fronteiriças são regiões-limite. Como o caso medieval era entendido em termos fronteiriços, não há problemas em entender a fronteira medieval como uma região de diferenciação tênue entre duas culturas e/ou poderes (BANERJEE, Paula. *Frontiers and Borders: Spaces of Sharing, Spaces of Conflict In*: SAMĀDDĀRA, Raṇabīra. *Space, Territory, and the State: New Readings in International Politics*. Himayatnagar: Orient Longman, 2002, pp.26-29).

⁹ FOUCHER, *op. cit.*, p. 235, nota 7.

¹⁰ THOMPSON, James Westfall. Profitable Fields of investigation in Medieval History, *American Historical Review* (18), 1913, pp. 490-504 e THOMPSON, James Westfall. *Feudal Germany*. Chicago: University of Chicago Press, 1928.; LEWIS, Archibald. The closing of the Medieval Frontier, *Speculum* (33, October), 1958, pp. 475-483; WHITE, Lynn. The legacy of the Middle Ages in the American Wild West, *Speculum* (40, April), 1965, pp. 191-202; BARTLETT, Robert & MacKAY, Angus (eds). *Medieval Frontier societies*. Oxford: Oxford University Press, 1992; MURRAY, Alan V.(ed.). *The Clash of Cultures on the Medieval Baltic Frontier*. Farnham: Ashgate, 2009; MURRAY, Alan V.(ed.). *The Northern-Eastern Frontiers of Medieval Europe: The Expansion of Latin Christendom in the Baltic Lands*. Farnham: Ashgate, 2012.

¹¹ CRONON, William. Turner's first stand: the Significance of Significance in American history *In*: ETULAIN, Richard W.(Ed.). *Writing Western History: Essays on Major Western Historians*. Reno: University of Nevada Press, 1991, pp.77-78.

1881 e 1888, William Francis Allen (1830-1889)¹², educou o especialista na fronteira americana no criticismo histórico, na crença no uso das fontes e na ideia da evolução orgânica da sociedade¹³.

Para Allen, a relevância da História deveria ser pensá-la enquanto *problema*, e algo relevante na perspectiva científica só seria alcançado ao associá-la com forças geográficas, sociais, econômicas e políticas ocultas. Ademais, a produção histórica visava um público a ser educado bastante amplo, não apenas as salas e salões escolares. Era preciso, em termos darwinianos, pensar no progresso da civilização da barbárie à civilização, e tal medida aconteceria graças à intervenção de eruditos com essas preocupações¹⁴.

Especificamente para este estudo, lembrarei que Allen, um especialista dos períodos clássico, tentou em vão demover Turner da intenção de estudar a História americana¹⁵. Demoção relativa, aliás, uma vez que é Allen estabeleceu um laço entre a Antiguidade, a Idade Média os americanos contemporâneos. Neste arrazoado, os germânicos da floresta negra – ou seja, os antigos saxões - foram os primeiros a praticar uma democracia primitiva. Seria impossível, portanto, desligar este estudo da valorização americana da democracia e liberdade¹⁶.

Deste modo, Allen inclusive diminuiu o papel da nobreza e da servidão para melhor aproximar os “antigos” saxões dos “novos”, ou seja, aqueles que assentaram a América. Ao mencionar sua abordagem peculiar da obra *Germania* de Tácito (c.55-120), o erudito americano afirmou que:

Nobres são frequentemente mencionados, mas privilégios especiais ou poderes nunca foram descritos para a nobreza; e, pelo que aparece na informação sob nossa posse, esta aristocracia foi mais social que

¹² **William Francis Allen** foi um antiquista americano engajado na luta pela libertação dos escravos. Graduado em Harvard (1851) e com posterior formação em língua e cultura clássica em Gottingen, Berlim, Roma, Nápoles e Grécia; Allen se tornou professor de língua e história antiga, depois reformada como língua e história romana, da University of Wisconsin-Madison, onde atuou até a morte (ROBBINS, Gerald. William F. Allen: Classical Scholar among the Slaves, *History of Education Quarterly* 5 (4), 1965, pp.211-223).

¹³ BROWN, David S. Founding Father: Frederick Jackson Turner In: _____. *Beyond the Frontier: The Midwestern Voice in American Historical Writing*. Chicago: Univeristy of Chicago Press, 2009, pp. 30-31.

¹⁴ CRONON, *op. cit.*, p. 79, nota 11.

¹⁵ BROWN, *op. cit.*, p. 31, nota 13.

¹⁶ Para Allen, os germânicos primitivos praticavam a democracia, mas não sua contraparte fixada posteriormente na “Inglaterra” [sic], pois a migração e conquista de uma terra estrangeira trabalhou numa mudança fundamental de suas instituições sociais (FRANCIS, William Francis. *The Village Community and Serfdom in England In: _____*. *Essays and monographs*. Boston: Geo H. Ellis, 1890, p.241).

política. Havia servos, mas nós não temos qualquer informação sobre sua origem ou seus números relativos¹⁷.

Em suma, apesar do modelo de governo “primitivo” desses germânicos (nas palavras do próprio autor), “nós podemos dizer que a soberania estava nas mãos de todo povo, que agia coletivamente ao encontrar-se numa assembleia geral em datas estabelecidas”¹⁸. A comparação com a sociedade americana em finais do século XIX, assim, está amplamente evidenciada.

O impacto dessas ideias em Turner foi fundamental. Quase no fim da carreira, ele afirmou que:

Meu trabalho realmente floresceu de um treinamento preliminar em História Medieval, onde eu aprendi a reconhecer as reações entre pessoas na cartilagem e seu ambiente; e vi a interação de fatores econômicos, sociais e geográficos na política, instituições, ideais e vida das nações, e suas relações com seus vizinhos¹⁹.

Após alcançar o grau em Wisconsin (1884), Turner não tinha uma clara ideia do que desejava para si. Ele recebeu logo em seguida um convite para se tornar instrutor assistente de Retórica e Oratória, mas abraçou uma curta carreira como jornalista, a carreira do pai. Todavia, Allen influenciou o futuro especialista de fronteira mais uma vez ao indicá-lo para uma viagem ao Velho Mundo. Quando retornou, Turner abdicou da carreira como homem de notícias da hora e passou a assistir Allen no ensino de História Americana. Entre 1884 e 1888, desta feita, Turner cursou seu mestrado sob a batuta de Allen²⁰.

Mas foi em 1888, na Johns Hopkins University, que Turner passou seu ano mais desafiador e turbulento. Seu principal instrutor em época foi Herbert Baxter Adams (1850-1901)²¹: este especialista acreditava que todas as instituições americanas deitavam

¹⁷ ALLEN, William Francis. The primitive democracy of the Germans In: _____. *Essays and monographs*. Boston: Geo H. Ellis, 1890, p. 215.

¹⁸ “we may say that the sovereign power was in the hands of the whole people, acting collectively, meeting in a general assembly at stated intervals” (*Ibid.*, p. 215).

¹⁹ “My work really grew out of a preliminary training in Mediaeval history, where I learned to recognize the reactions between a people in the gristle, and their environment; and saw the interplay of economic, social and geographic factors in the politics, institutions, ideals and life of a nation and its relations with its neighbors” (JACOBS, Wilbur Ripley Jacobs. *Social History and Politics In: _____. The Historical World of Frederick Jackson Turner: With Selections from His Correspondence*. Yale: Yale University Press, 1968, p. 155).

²⁰ CRONON, *op. cit.*, p. 80, nota 11.

²¹ **Herbert Baxter Adams** (1850-1901) foi um educador e historiador americano graduado pelo Amherst College (1872), em Massachusetts. Dois anos depois, Adams mudou-se para Heidelberg para obter seu doutorado. Influenciado por Droysen e Bluntschli, sendo o último seu mentor e notório defensor do esclarecimento do povo germânico de sua ignorância, defendeu sua tese em uma arguição oral, procedimento comum em Heidelberg. Ao retornar, assumiu como Fellow (1876-1878), associado (1878-1883) e, finalmente, professor (1883-1901) na Johns Hopkins University. Em 1880 ele iniciou uma série

suas raízes nas assembleias populares europeias medievais, enfatizando as instituições de origem germânica. Assim, os princípios da democracia foram levados à América com os imigrantes. Para estudá-los, era preciso entrever os esboços das relações sociais e políticas da Idade Média.

Um bom exemplo é a obra *The Germanic origin of New England Towns (A origem germânica das cidades da Nova Inglaterra, 1881)*, lida diante da Sociedade Histórica de Harvard (*Harvard Historical Society*). No frontispício da obra, Adams citou uma frase de Edwards Augustus Freeman (1823-1892)²² que serviu de mote para a tese: “Se você deseja ver a velha Inglaterra, você deve ir à Nova Inglaterra”. Tal axioma encapsularia a ideia central da pesquisa²³.

Mas qual é a “Velha Inglaterra” defendida por Herbert B. Adams? Não era, de forma plena, a Inglaterra vitoriana. No bojo da questão, ele indicou claramente no início do livro que

A cidade e a vida em vila da Nova Inglaterra são verdadeiramente a reprodução dos tipos da Velha Inglaterra. Estas, por sua vez, são reproduções do sistema em comunidade de vila dos antigos germanos [...] “Para a terra natal da raça inglesa”, disse Green em sua *História do povo Inglês*, “nós devemos olhar para além da própria Inglaterra. No século V após o nascimento de Cristo, a única terra que nós conhecemos ter sido chamada de Angeln ou Inglaterra deita suas origens na agora chamada Sleswick, um distrito no coração da península que parte do Báltico para os mares do Norte”²⁴.

de seminários em História para formar a próxima geração de historiadores americanos conforme sua experiência europeia (ADAMS, Herbert Baxter *In: The Encyclopedia Americana*. Disponível em archive.org Acesso em 29 fev 16).

²² **Edwards Augustus Freeman** (1823-1892) foi um historiador, artista e político inglês; Freeman manteve a posição de professor régio de História Moderna na Universidade de Oxford. Ele se tornou um dos historiadores da Era Vitoriana famosos pela paixão antiquária pelo passado e pelo impulso de identificar a nação e suas instituições no longínquo passado inglês (BURROW, John Wyon. Teutonic freedom and municipal independence *In: _____*. *A Liberal Descent: Victorian Historians and the English Pass*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, pp.155-191).

²³ A citação completa é: “Tornou-se um provérbio que, se você deseja ver a velha França, você deve ir ao Canadá francês. E, por muitas coisas, se você deseja ver a velha Inglaterra, você deve ir à Nova Inglaterra” (“It has become a proverb that, if you wish to see old France, you must go to French Canada. And for many things, if you wish to see old England, you must go to New England”. FREEMAN, Edward Augustus. *Opposite tendencies in colonies, to go on and to stand still In: _____*. *Some impressions of the United States*. London: Longmans Green, 1883, p. 52).

²⁴ “The town and village life of New England is as truly the reproduction of Old English types as those again are reproductions of the village community system of the ancient Germans [...] ‘For the fatherland of the English race,’ says Green in his *History of the English People*, ‘we must look far away from England itself. In the fifth century after the birth of Christ the one country which we know to have borne the name of Angeln or England lay within the district which is now called Sleswick, a district in the heart of the peninsula that parts the Baltic from the Northern seas’.” (ADAMS, Herbert Baxter. *The germanic origins of the New England Towns*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1882, pp. 8-9).

Assim, o professor da Johns Hopkins University assentava claramente quais seriam as bases dos habitantes da Nova Inglaterra, o modelo “primordial” do americano: os antigos saxões da Floresta Negra, no coração da atual Alemanha. Destas vilas no continente europeu, que o próprio Adams admitiu ser possível recuperar poucos dados, “deitava já formada a vida social e política da Inglaterra atual [...]”. Esse estilo de vida era fresco e jovem, uma “vida energética como o *demes* da Ática grega, na primavera do mundo”. Como uma estrutura orgânica, viva e em expansão, o erudito sugeriu que as instituições locais da Nova Inglaterra seriam “como a árvore Igdrasil [sic], da mitologia escandinava, pelo princípio do autogoverno local que ela incorpora, mantida em pé pelo passado e alçada ao futuro pelos galhos em crescimento”²⁵.

Para além do modelo das cidades, até mesmo o perfil moral dos americanos seria herdado de tais tradições ancestrais. “Até mesmo a disposição Yankee de permutar e comerciar”, disse Adams, “de caçar e pescar, foi herdada de uma nação de comerciantes e aventureiros, e deles de seus antepassados germânicos”. Nestes termos, o espírito colonizador e expansivo da Inglaterra e das colônias inglesas na América “lançou-se inicialmente das tribos comerciantes de âmbar do Báltico e errantes do mar, colonizando as bandas dos Homens do Norte”. Logo, “o espírito da Saxônia e Normandia empreenderam alvorada sobre a Nova Inglaterra, [provindo] das costas além do oceano”²⁶.

O modelo de Adams era tão concatenado e orgânico que, num levantamento feito pelo próprio em 1887 chamado *Estudo de História nas faculdades e universidades americanas* (*Study of History in American Colleges and Universities*), o autor propôs um encadeamento da História institucional da Roma Antiga até a História Colonial Americana (entenda-se, História Colonial dos Estados Unidos), passando pela Inglaterra Medieval e pela Inglaterra Moderna. O levantamento tomou seu colega de ofício, Henry

²⁵ “In their villages lay ready formed the social and political life which is round us in England to-day [...] energetic life as the demes of Grecian Attika, in the spring-time of the world [...] like the tree Igdrasil, of Scandinavian mythology, for the principle of local self-government which they embody, takes hold upon all the past and upholds the future in its spreading branches” (ADAMS, *op. cit.*, pp. 7-8, nota 17).

²⁶ “Even the Yankee disposition to truck and trade, to hunt and fish, was inherited from a nation of traders and adventurers, and by them from their Germanic forefathers [...] sprang primarily from the amber-dealing triber of the Baltic and sea roving, colonizing bands of the Northmen [...] The spirit of Saxon and Norman enterprise dawned upon New England from shores beyond the ocean” (ADAMS, Herbert Baxter. The fisher-plantation at Cape Anne *In*: _____. *Village communities of Cape Anne and Salem*. From the Historical Collection of the Essex Institute. Baltimore: Johns Hopkins University, 1883, p. 4).

Brooks Adams (1838-1918)²⁷, Professor da Universidade de Harvard, como parâmetro. Para justificar o arrazoado, o Herbert afirmou que

Sobre as bases das instituições germânicas e da História Medieval, o trabalho do Professor [Henry] Adams foi gradualmente estendido de tal forma que abraçou a História da Inglaterra até o século XVII, e também a História Colonial da América até o ano de 1789²⁸.

Ao tomar as questões abordadas no curso – desde nomear os reis entre 900 e 962, passando pelo estudo das leis, das categorias sociais e dos grupos que colonizaram a América –, creio eu que o modelo de Herbert Baxter Adams ia além de uma hipótese que procurava apenas forçar uma relação entre o objeto de estudo deste pesquisador e a História dos Estados Unidos. Não se tratava, portanto, de um projeto político-ideológico que tão somente pretendia justificar o ensino de História Medieval nas instituições americanas, mas de duas opções concomitantes: o apreço pelos modelos explicativos germânicos e uma convicção teleológica com raízes mais profundas e antigas.

Ademais, o rigor do método de pesquisa alemão, bastante influente na formação do historiador de fronteira, era mais forte em Baxter Adams do que em Allen; foi no primeiro que Turner percebeu a busca incessante pelos termos orgânicos que permitiam uma análise de tipo darwinista. Em sua tese doutoral, *The Character and Influence of Indian Trade in Wisconsin (O caráter e a influência do comércio indígena em Wisconsin)*, fruto de intensas pesquisas em arquivos locais, Turner considerava esse estado americano como o local de encontro entre uma sociedade “primitiva” e outra “avançada”: “Sobre o selvagem tinha operado uma transformação. Encontrado sem ferro, caçando apenas por comida e vestes; foi colocada em sua mão ferro e armas, e isso fez dele um caçador de peles com o qual poderia comprar os bens da civilização”²⁹.

²⁷ **Henry Brooks Adams** (1838-1918) foi um historiador que descendia de dois presidentes americanos, John Quincy Adams (1767-1848) e John Adams (1735-1826). Estudou em Harvard e, após concluir seus estudos nos EUA (1858), viajou para Europa e tomou lições sobre Direito Civil na Universidade de Berlim. Em 1861, Abraham Lincoln indicou o pai de Adams como embaixador americano no Reino Unido; o filho seguiu como secretário particular do embaixador. Retornou para os EUA em 1868 e, dois anos depois, foi apontado como professor de História Medieval da Universidade de Harvard, posição que manteve até 1877. Apesar dessa posição, foi o primeiro a conduzir seminários históricos sobre os Estados Unidos (Cf. DONOVAN, Timothy Paul. *Henry Adams and Brooks Adams: the education of two American historians*. Norman: Oklahoma University Press, 1961).

²⁸ “Upon the basis of Germanic Institutions and Mediaeval History, Professor Adams' work was gradually extended so that it embraced the History of England to the seventeenth century, and also the Colonial History of America to the year 1789” (ADAMS, Herbert Baxter. *Examination in Mediaeval History In: _____ Study of History in American Colleges and Universities*. Washington: Government Printing Office, 1887, p. 37).

²⁹ “Upon the savage it had worked a transformation. It found him without iron, hunting merely for food and raiment. It put into his hand iron and guns, and made him a hunter for furs with which to purchase the goods

Apesar de tentar manter o estágio de caçador, o indígena foi lançado à condição de mercador ou intermediário. Outrossim, os indígenas que não estabeleciam contato ficavam a mercê dos indígenas armados, o que tornou, na lógica turneriana, todos os indígenas dependentes dos suprimentos do “homem branco”, um avanço civilizador no Oeste americano³⁰.

O comércio de peles seria, nestes termos, a “força transformadora” na sociedade. Os indígenas, caçadores originais, foram seguidos posteriormente por outros exploradores e comerciantes; em seguida, após a queda dos lucros das peles, a pecuária ganhou espaço, seguida pela agricultura e, por fim, pela manufatura. O comércio foi, em última análise, o esteio da civilização: “O comerciante foi o decalcador do fazendeiro em algumas das regiões mais ricas do continente. Tanto favoravelmente quanto desfavoravelmente, a influência do comércio indígena no assentamento foi muito grande”³¹.

O olhar civilizatório em relação ao indígena, i.e., ao outro, não era um apanágio tão somente de séculos de contato com as populações nativas em solo americano. É preciso recobrar o apreço genuíno nutrido pelas instituições progressistas de ensino superior nos Estados Unidos quanto ao modelo de erudição e dos seminários alemães, e seu posterior impacto na formação dos intelectuais americanos. Dentre essas, o desenvolvimento das ideias de superioridade de raça e “destino manifesto” foram certamente fundamentais.

De fato, uma parcela considerável dos historiadores dessa época foi educada na Alemanha com base na História da Alemanha medieval, uma espécie de pré-requisito metodológico para desenvolver qualquer outra pesquisa histórica. Patrick Geary sintetizou bem este pressuposto ao afirmar que

Os historiadores americanos, de Adams em diante, estavam mais interessados em usar aspectos do passado alemão, como os aspectos desenvolvidos pelos medievalistas alemães, como modelos explanatórios para a História Americana [i.e., dos Estados Unidos] do que em chegar aos termos com a História alemã *per se* [...] Os historiadores americanos voltavam-se para Alemanha no intuito de

of civilization” (TURNER, Frederick Jackson. *Effects of the Trading Post In: _____. The character and influence of the indian trade in Wisconsin*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1891, p.68).

³⁰ *Ibid.*, pp.68-69.

³¹ “The trader was the farmer's pathfinder into some of the richest regions of the continent. Both favorably and unfavorably the influence of the Indian trade on settlement was very great” (*Ibid.*, p.70).

descobrir as ferramentas intelectuais e as bases institucionais com as quais criariam sua própria história³².

Sobre as razões teleológicas, como exposto por George Huntston Williams em meados do século passado, cito o “modelo hebraico”, a saber, uma espécie de nostalgia idealizada da fronteira Oeste. Assim, a experiência no limite seria o equivalente dos quarenta anos dos hebreus no Egito e Palestina³³. Levado a cabo pelos Pais da Igreja e pelos ascetas medievais, mas, neste caso específico, também incorporado pelos anabatistas no período da Reforma, o “deserto” americano seria não apenas um espaço de confronto: nesse local os homens se fazem homens³⁴.

Tal junção de fatores encontra antecedentes até mesmo em Thomas Jefferson (1743-1826), estudioso da língua anglo-saxônica e considerado um dos pais fundadores dos Estados Unidos. Ele e outros pensadores americanos estavam imersos tanto no mito da democracia anglo-saxônica quanto nos elementos bíblicos que poderiam apontar os americanos como “povo eleito”. Sob este olhar, o passado germânico, expresso nas leis e crônicas medievais, prefigurava as ambições democráticas que tais homens imaginavam para os Estados Unidos. Jefferson se sentia em tamanho débito com seus antepassados da Germania que planejou inserir Hengist e Horsa³⁵ no grande selo da nova república, sem ignorar, porém, alguns elementos bíblicos, formando assim um curioso amálgama:

Senhor Jefferson propôs os filhos de Israel no deserto, liderados por uma nuvem de dia e um pilar de fogo durante a noite; do outro lado, Hengist e Horsa, os chefes saxões, de quem nós reclamamos a honra de sermos descendentes e de quem assumimos os princípios políticos e as formas de governo³⁶.

³² “American historians from Adams on were more interested in using aspects of the German past as developed by German medievalists as explanatory models for American history than to come to terms with German history *per se* [...] American historians turned to Germany in order to discover the intellectual tools and institutional basis with which to create their own history” (GEARY, Patrick. *Medieval Germany in America In: _____. Medieval Germany in American*. With commentaries of Otto Gerhard Oexle. Washington: German Historical Institute, 1996, pp. 18 e pp. 20-21).

³³ WILLIAMS, George Huntston. *Wilderness and Paradise in Christian Thought*. New York: Harper & Brothers, 1962, pp. 98-137.

³⁴ WHITE, Lynn. The legacy of the Middle Ages in the American wild West, *Speculum* (40, april), 1965, pp. 192-193.

³⁵ Conforme a *História Eclesiástica do povo inglês (Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum, c.731)*, escrita por Beda, o Venerável (c.672-735), Hengist e Horsa teriam sido dois líderes anglo-saxões convidados pelo rei britânico Vortigern em c.450 para lutar contra os pictos e escotos após a saída romana das ilhas britânicas. Porém, o efeito do convite foi nefasto, pois provocou a invasão por parte dos anglos e saxões (BEDA VENERABILIS. *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, I, 15).

³⁶ “Mr. Jefferson proposed. The Children of Israel in the Wilderness, led by a Cloud by day, and a Pillar of Fire by night, and on the other Side Hengist and Horsa, the Saxon Chiefs, from whom We claim the Honour of being descended and whose Political Principles and Form of Government We have assumed” (JOHN ADAMS. *Letter from John Adams to Abigail Adams, 14 August 1776* [electronic edition]. Adams Family Papers: An Electronic Archive. Massachusetts Historical Society. <http://www.masshist.org/digitaladams/>).

A fusão de elementos uniu, assim, os “heróis saxões” – curiosamente considerados como vilões pelos autores medievais³⁷ – ao pilar de fogo e a nuvem que guiaram o povo escolhido até a Terra Prometida (Ex 13, 21-22)³⁸, numa analogia mais que explícita proposta por este político quanto às pretensas heranças americanas.

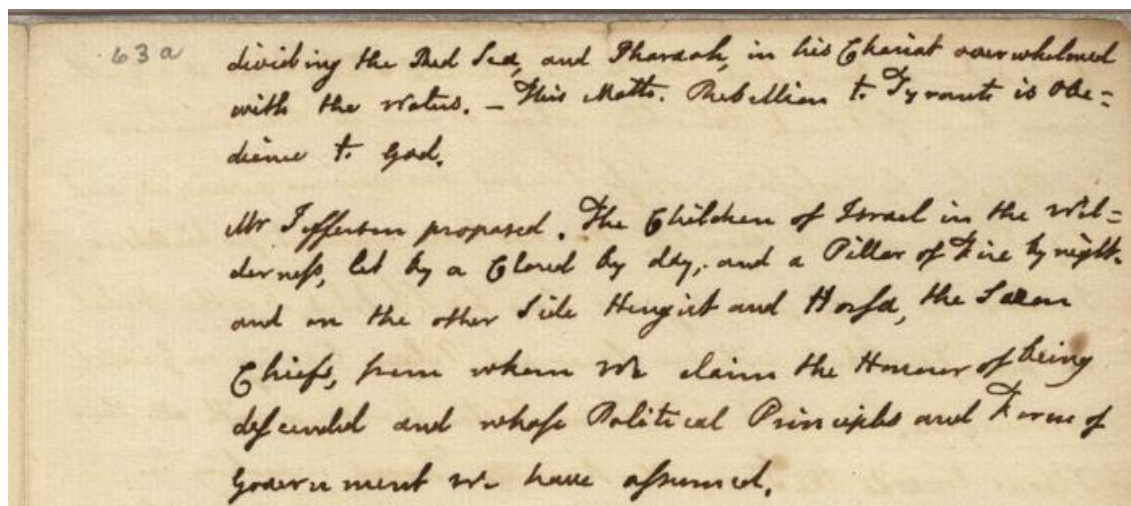


Imagem 1: Carta de John Adams (1735-1826), primeiro vice-presidente americano e segundo presidente dos EUA para Abigail Adams (1744-1818), esposa deste, enviada em 14 de Agosto de 1776. Nota-se a caligrafia acurada, legível e precisa do estadista estadunidense. **Fonte:** The Massachusetts Historical Society (2014).

Deste modo, Adams foi apoiado por parte da tradição democrática americana além da escola historiográfica da Nova Inglaterra, ambas formadas por puritanos e pelos principais formadores de opinião do país; ele tentou, a partir dessas bases, fazer incorporar na proposta educacional do governo a ideia de uma “terra prometida” para o “povo eleito”, a saber, os americanos, probos e capazes pelas características de seus ancestrais e pela vontade divina. O contato com o Oeste, assim, só fomentaria e desnudaria as características inatas dos germânicos e da Providência. Eis, portanto, como já esboçado outrora pelo próprio Herbert Baxter Adams – conquanto tenha citado Green, um autor inglês –, a defesa da ideia de raça (*gens*) superior dos americanos, herdeiros dos ingleses.

³⁷ Gildas (c.516-570), monge da Britania, escreveu na obra *De Excidio et Conquestu Britanniae* (A Ruína e a Conquista da Britania, c.545) que os anglos e saxões foram convidados por Vortigern, rei britânico, mas não nomeou os líderes dos germânicos (GILDAS. *De Excidio et Conquestu Britanniae*, II, 23). Beda, o Venerável, por sua vez, foi o primeiro autor medieval a propor nomes para os chefes dos povos que “invadiram” a Britania (cf. nota 29).

³⁸ “E Iahweh ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, para lhes mostrar o caminho, e de noite uma coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se retirou de diante do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo, durante a noite” (Ex 13, 21-22 *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2002. Edição online).

As conexões acadêmicas entre ingleses e germânicos na primeira metade do século XIX por fins políticos não são de difícil identificação. Até 1837 os reis da Inglaterra também foram duques e, posteriormente, reis de Hannover. A maior parte dos eruditos ingleses via a si mesmos como descendentes dos anglo-saxões, que teriam migrado da atual Alemanha para as ilhas britânicas nos séculos V e VI. Nesta ideia, os germânicos seriam heroicos lutadores pela liberdade, pois escaparam das garras dos romanos e empurraram os celtas britânicos para fora da ínsula. O principal defensor desta hipótese foi, como exposto outrora, Freeman, Professor Régio de História Moderna em Oxford³⁹.

A ideia central de Freeman, estudioso principalmente da Conquista Normanda (1066), mas que também dedicou seus esforços aos séculos V e VI, tentava dar força ao aspecto racial. “Ao reforçar as virtudes dos povos germânicos e as fraquezas dos oponentes celtas e romanos, ele fez da raça o assunto principal para a leitura da Queda de Roma”⁴⁰.

A superioridade dos saxões poderia ser demonstrada pelo papel de domínio global que a Inglaterra exercia no período. Como demonstrei num artigo sobre a reincorporação da palavra e do ideário *viking* na Inglaterra do século XIX, a identidade britânica precisou ser reformulada neste período para que fosse capaz de abarcar todo império, ou ao menos seus súditos mais caros, i.e., insulares. Para tanto, por exemplo, elementos escandinavos foram reclamados como parte integrante do que deu origem aos ingleses⁴¹.

Charles Kingsley, em suas memórias publicadas em 1890, mas redigidas c. 1850-1851, ao defender a unidade da Igreja do reino, “Eu digo que a Igreja da Inglaterra é maravilhosamente e misteriosamente assentada para a alma da raça livre nórdico-saxã, para homens cujos ancestrais lutaram pelo lado de Odin e sobre quem uma descendente de Odin agora governa”⁴².

Sem dúvidas, o argumento de Kingsley era religioso e político. A defesa de uma “raça” nórdico-saxã e da rainha com sangue “viking” refletem a tendência vitoriana e

³⁹ WOOD, Ian N. National Arguments over the Fall of Rome. Conferência. *Networks & Neighbours Symposium 2014*, 3th-4th April. Curitiba, Paraná – Brazil. Agradeço ao Prof. Ian Wood por gentilmente ter cedido o texto da conferência.

⁴⁰ WOOD, *op.cit.*, nota 33.

⁴¹ BIRRO, Renan M. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a “Era Viking”, *NEArco – Revista Eletrônica de Antiguidade* (01), 2013, pp. 238-239.

⁴² I say that the Church of England is wonderfully and mysteriously fitted for the souls of a free Norse-Saxon race; for men whose ancestors fought by the side of Odin, over whom a descendant of Odin now rules (KINGSLEY, Charles. Chapter VIII In: _____. *Charles Kingsley: his letters and memories of his life*. Vol. 1. Londres: Macmilland and Co., 1910, p. 203.).

imperial de incorporar valores vinculados aos “reis dos mares” (escandinavos), mais adequados para o caráter expansionista da política britânica: intrepidez, colonos pioneiros, excelentes navegadores, democratas primitivos, amantes da poesia⁴³.

Os americanos, por sua vez, viviam uma dupla ambivalência. Por um lado estavam desejosos de vincularem-se não ao sucesso imperial, mas da raça anglo-saxônica⁴⁴; Portanto, era preciso forjar uma identidade autônoma da antiga metrópole, mas com algum elemento que ligava esses habitantes do Novo Mundo aos bravos conquistadores das Ilhas Britânicas na aurora da Idade Média.

No caso de Allen e Adams, percebe-se um salto direto aos antigos saxões em vez de uma aproximação dos escandinavos, como elaborado pelos ingleses: os saxões foram igualmente valentes, democratas natos e exploradores de regiões “selvagens”, atributos que estavam de acordo com a experiência no Oeste.

Além disso, o seio da erudição inglesa dispunha de leituras dissonantes que atraíram a atenção dos acadêmicos americanos. Freeman, um historiador *quasi* não-universitário⁴⁵, arquiteto e político liberal, propunha a existência de “três lares” para os ingleses: a “Velha Inglaterra” nas florestas germânicas, a “Média Inglaterra” das Ilhas e a “Nova Inglaterra” a partir dos assentamentos americanos dos séculos XVI e XVII. Seriam três lares, mas uma única raça: a raça inglesa. A segunda viagem pelo Atlântico, isto é, da Inglaterra para o Novo Mundo, era uma viagem no tempo. Reunidos em pequenos assentamentos na selvageria fronteira do desconhecido, os imigrantes teriam encontrado, na visão de Freeman, um ambiente idêntico ao dos antepassados ingleses do século V⁴⁶.

Como é possível notar, a discussão sobre fronteiras no século XIX, principalmente no círculo acadêmico de Turner, mas também no meio europeu, tocava diretamente a

⁴³ PARKER, Joanne. The Dragon and the Raven: Saxons, Danes and the Problem of defining National Character in Victorian England, *European Journal of English Studies* 13 (5). London: Routledge, 2009, p. 257-275; WAWN, Andrew. Of Stockfish and Saga In: _____. *The Vikings and the Victorians: inventing the Old North in 19th-century Britain*. Cambridge: Boydell & Brewer, 2002, p. 4.

⁴⁴ Nas palavras de Edward N. Saveth, os historiadores americanos no final do séc. XIX dividiam uma herança protestante de classe alta e classe média; “Eles tinham também um grande respeito pela tradição inglesa” (“They had, too, no small respect for English tradition”. SAVETH, Edward N. *Trends in Late Nineteenth Century American Historiography: The theory of teutonic origins* In: _____. *American historians and European immigrants, 1875-1925*. New York: Columbia University Press, 1948, p. 13); Para mais informações sobre o ideário germânico da Inglaterra vitoriana, ver: BIRRO, *op. cit.*, p. 239-241, nota 41.

⁴⁵ Como exposto outrora, Freeman exerceu a docência em Oxford por poucos anos; sua carreira como historiador foi consolidada, assim, por seu variado campo de atuação, status político e sua hipótese central sobre os saxões.

⁴⁶ FREEMAN, Edward Augustus. The second voyage and the third home In: _____. *Lectures to American audiences*. Philadelphia: Porter & Coates, 1882, pp. 169-203.

questão da raça. Por conseguinte, será preciso um breve panorama desta ideia, chamada atualmente como “teoria do germe germânico”⁴⁷, antes de prosseguir para a revisão de Turner.

Para entender a teoria do germe germânico na América, é preciso lançar um breve olhar para a sociedade americana em finais do século XIX. Os imigrantes fluíam para os Estados Unidos, e tal movimento não foi ignorado pelos historiadores daquele tempo. Diferentes nos costumes e aparência, eles não dividiram a experiência do “deserto” dos primeiros imigrantes ingleses, o que, *a priori*, os colocava numa situação inferior em termos de moral. Deste modo, os “forasteiros” foram depreciados⁴⁸.

Ademais, o incremento da imigração foi acompanhado pela crescente industrialização; esta, por sua vez, impulsionou a urbanização, os cortiços, a pobreza, a corrupção no governo e o conflito de classes. Para o imaginário popular em época e até mesmo entre alguns eruditos, os males cresceram conforme a homogeneidade étnica americana declinava⁴⁹. No bojo da questão, ao analisar a ideologia nórdica na Europa, Horst Junginger e Andreas Åkerlund perceberam que

Muito antes do advento do fascismo, uma abundância de mitos e ilusões conectados com o Norte floresceu sobre toda Europa em vários ramos, da arte ao turismo, passando pelas vendas promocionais, não excedendo aos efeitos adversos. Mas é evidente que depressões econômicas e políticas, sem falar do período caótico subsequente aos conflitos militares, inevitavelmente geravam prejuízos derogatórios de todos os tipos e reforçando a tendência em direção a encapsulamentos agressivos ou até mesmo odiosos contra outros⁵⁰.

Ainda que o período de crise econômica alarmante tivesse que esperar a Grande Crise de 29 e o conflito militar da segunda década do século XX, o contato entre novos

⁴⁷ Há outros termos, como “teoria do germe teutônico”, “teoria das origens teutônicas”, “teutonismo” ou ainda “anglosaxonismo”, ainda que as ideias sejam basicamente as mesmas.

⁴⁸ SAVETH, *op. cit.*, pp. 13-14, nota 44.

⁴⁹ SAVETH, *op. cit.*, p. 14, nota 44.

⁵⁰ “Well before the advent of fascism, plenty of myths and illusions connected with the North flourished all over Europe in various branches of the arts as well as in tourism and sales promotion without exceedingly adverse effects. But it is quite evident that economic and political depressions, not to speak of the chaotic aftermath subsequent to military conflicts, inevitably generate derogatory prejudices of all sorts and reinforce the tendency towards aggressive encapsulations or even hatred against others”(ÅKERLUND, Andreas & JUNGINGER, Horst. Introduction: Nordic Ideology, Religion and Scholarship *In: _____*. (eds.). *Nordic Ideology between Religion and Scholarship*. Frankfurt: Peter Lang, 2013, p. 3).

imigrantes de origem não-inglesa e os antigos assentados vindos da terra da rainha no final do século XIX certamente gerava desconforto, descontentamento e reações diversas.

Em certa medida, havia um ideário (ou “senso comum”) entre os historiadores americanos que os Estados Unidos era um país essencialmente anglo-saxão, como exposto na primeira parte deste texto. Logo, deveria permanecer como tal. Na visão desses homens, os distúrbios causados por questões trabalhistas e conflitos de classe não diziam respeito aos americanos, mas aos problemas europeus trazidos pelos imigrantes.

O cenário se tornou ainda pior após a teoria populacional de Francis Amasa Walker (1840-1897)⁵¹, que alcançou sucesso naquele tempo, afirmava que a imigração servia apenas para diminuir a taxa de natalidade e não constituíam ganhos para a nação: o influxo de novos habitantes fomentava o aumento da criminalidade e dos males políticos e sociais⁵²:

A entrada dessa vasta massa de camponeses em nossa vida política, social e industrial degradam nossas melhores concepções; é uma matéria na qual nenhum patriota inteligente pode olhar sem as mais graves apreensão e alarme [...] Eles não tem nenhum dos instintos herdados e tendências que os fazem comparativamente fáceis de lidar, como com os imigrantes dos antigos tempos. Eles são homens derrotados de raças derrotadas⁵³.

Esta corrente não era única, mas majoritária. Simultaneamente, a erudição europeia ajudou a influenciar a historiografia americana com o Darwinismo social. A partir dele, os países com “origens arianas” – neste caso, saxãs –, graças à trajetória histórica bem sucedida, provariam sua superioridade biológica e científica, assim como de suas instituições.

Outra corrente expressiva, ainda que minoritária, era representada por Josiah Strong (1847-1916), clérigo influente do movimento Evangelho Social americano e criador de uma curiosa fusão do darwinismo social e teologia. Seu impacto não pode ser

⁵¹ **Francis Amasa Walker** (1840-1897) tornou-se famoso pela teoria do fundo salarial, i.e., que tornou radical a noção de obrigação entre empregador e empregado. Tal ideia pressagiou os desdobramentos posteriores de economistas neoclássicos e institucionalistas (Walker, Francis Amasa *In: INGLIS PALGRAVE, R.H. (Ed.). Dictionary of Political Economy. Vol.3. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp.649-650*).

⁵² SAVETH, *op. cit.*, p. 15, nota 44.

⁵³ “The entrance into our political, social, and industrial life of such vast masses of peasantry, degraded below our utmost conceptions, is a matter which no intelligent patriot can look upon without the gravest apprehension and alarm [...] They have none of the inherited instincts and tendencies which made it comparatively easy to deal with the immigration of the olden time. They are beaten men from beaten races” (WALKER, Francis A. Restriction of Immigrants, *The Atlantic Monthly* 77 (464), Jun 1896, pp.822-829).

minimizado: ele era amigo do presidente Theodore Roosevelt e secretário geral da Aliança Evangélica, uma coalização de grupos missionários protestantes.

As ideias de Strong estão expressas em sua obra mais famosa, intitulada *Nosso País: sua possibilidade futura e a crise presente* (1885), escrita poucos anos após a *Da Origem das Espécies* de Darwin. Os perigos para a sociedade americana eram vários: os mórmons, o socialismo, a falta de temperância, a riqueza, o “romanismo” (ou catolicismo deturpado pelos italianos...) e a Imigração. As cidades eram, deste ponto de vista, perigosas, pois atraíam não-saxônicos católicos, como irlandeses e italianos, famosos pela bebedeira e por decaírem ao socialismo.

As soluções, desta feita, estavam no cerne das qualidades americanas: “Eu escrevi que as duas grandes necessidades da humanidade, que todos os homens possam ser erguidos para as luzes da mais alta civilização cristã, são: primeiro, um cristianismo puro e espiritual, e segundo, a liberdade civil” (STRONG, 1891, online). Daqueles que dispunham destas características, os estadunidenses representavam a imensa maioria, estatística que demonstraria o sucesso desta estirpe humana (1891, online). A liberdade civil seria o elemento que diferenciaria os americanos frente aos ingleses, saxões de além-mar, e colocaria os primeiros em uma situação privilegiada tanto no aspecto religioso quanto político.

Ademais, apoiado em Darwin, Strong evocou o vigor do povo anglo-saxão, i.e., grupo mais energético, incansável e corajoso entre todos os europeus que emigraram. Por sua vez, com base em Richard Rawlinson, um histórico e notório anglossaxonista inglês, o clérigo americano aproveitou a ideia que todos grandes reinos e impérios do passado (egípcios, gregos e romanos) dispunham de sangue misto, assim como os judeus; entre os modernos, o povo com a mistura mais adequada era o anglo-saxão (1891, online)⁵⁴.

Entrementes, apesar dessas ideias e do esforço de William Francis Allen e Herbert Baxter Adams, Turner já era um apaixonado e inveterado defensor da “americanização” e das raízes estadunidenses da democracia. Numa carta para Carl Baxter, o especialista da fronteira expôs a leitura negativa que teve de Herbert Baxter Adams e, conseqüentemente, da leitura deste sobre as origens das instituições americanas:

⁵⁴STRONG, Josiah. Anglo-Saxon Predominance. 1891. Disponível em: <http://xroads.virginia.edu/~drbr/strong.html> Acesso em 03 Agosto de 2015.

“Enquanto eu estava ali, H.B. Adams disse ao seminário [...] que a história institucional americana tinha sido bem feita. Que seria melhor que nós nos voltássemos às instituições europeias. [Deste modo], a [tese da] fronteira foi praticamente uma reação derivada da minha indignação”⁵⁵.

Indignação, entenda-se, quanto às raízes germânicas e medievais dos pressupostos que nutriam a ideia de ser americano. Para ele, propor tal ideia era um contrassenso das interações culturais, geográficas e das pré-disposições biológicas que a fronteira americana oferecia para catalisar o melhor que havia no americano.

Tal ideia pode ser percebida de maneira mais clara logo no início do clássico *The Significance of the Frontier in American History* (*O Significado da Fronteira na História americana*, 1891). Para Turner, “Muita atenção tem sido dedicada pelos estudantes institucionais às origens germânicas, mas pouco para os fatores americanos. A fronteira é a linha de mais rápida e efetiva americanização. O lugar onde o selvagem comanda o colono”⁵⁶.

Mas este contato não era unilateral, pois “pouco a pouco, ele [o colono] transforma o lugar selvagem, mas o produto não é a antiga Europa, não apenas o desenvolvimento dos germes germânicos”, isto é, “um caso de reversão para a marca germânica”⁵⁷.

Antes de adentrar a questão biológica, outro elemento que não pode nem deve ser negligenciado é a experiência de vida do autor. Turner nasceu em Portage, Wisconsin. Como seu pai tinha um jornal local, dispunha de uma visão holística da comunidade. Ao descrevê-la numa carta autobiográfica, ele afirmou que

Uma mistura de jangadeiros dos “pinheirais” (a “estrada do pinheiral” corria pela minha porta), de irlandeses [...], de imigrantes pomeranos [...], dos escoceses [...]; de galeses (com a “Cúmbria” adjacente); com germânicos, alguns deles com formação universitária [...]; de Yankes de Vermont, Maine e Connecticut. Principalmente Yankes de Nova York, [mas também] de sulistas (relativamente poucos); alguns negros; muitos noruegueses e suíços, alguns ingleses, e um ou dois italianos [...] Meus colegas de escola eram de todas essas classes e nacionalidades variadas, e nós fomos colocados juntos nesta sociedade em formação⁵⁸.

⁵⁵ “H.B. Adams told the seminary [...] while I was there, that American institutional history had been well done. That we would better turn next to European institutions. The frontier [thesis] was pretty much a reaction from that due to my indignation” (TURNER, Frederick Jackson. Letter to Carl L. Becker, 16 December 1925. *Frederick Jackson Turner Papers*, Henry E. Huntington Library, Box 34).

⁵⁶ TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History In: _____. The Frontier in American History*. New York: Henry Holt & Company, 1920, p. 3-4.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 5.

⁵⁸ “a mixture of raftsmen from the ‘pinerias,’ – (the ‘pinery road’ ran by my door), of Irish [...], Pomeranian immigrants [...] of Scotch [...] of Welsh (with ‘Cambria’ adjacent); with Germans some of them university-trained [...]; of Yankees from Vermont and Maine and Conn. Chiefly, of New York-Yankees, of

Ao considerar esta experiência, o estudioso da fronteira americana não conseguiu ignorar como a experiência de múltiplas culturas propiciou, como expresso no final do excerto, a possibilidade de estabelecer uma sociedade compósita e afinada em suas diferenças.

Dois elementos são, portanto, interessantes para a teoria de Turner. Primeiro, a situação do Estado de Wisconsin, como local de assentamento de diversos grupos de imigrantes, o que aponta para uma população extremamente diversificada e um olhar diferenciado. Segundo, Turner via Portage, não mais uma cidade fronteira, como a América de Tom Sawyer, plena em índios, ribeirinhos e madeireiros, homens que iam e vinham, compartilhando experiências e memórias⁵⁹.

Apesar da negação aos mestres, alguns elementos permaneceram bastante influentes na teoria de fronteira turneriana. Treinado por Allen na ideia de evolução material e cultural do darwinismo social, é possível notar a manutenção do conceito de progresso institucional fomentada por seus mestres; Noutra carta enviada para Carl Baxter, Turner afirmou que Allen era quase um *daemon* em seu ofício: “Allen tem sempre olhado sobre meu ombro e afetado minha consciência histórica”⁶⁰. Todavia, o ambiente “vazio” e “selvagem” propiciaria, para Turner, o olhar do passado recente americano num viés à revelia de Baxter Adams e Allen, mais preocupados com a busca das origens das instituições americanas no passado saxão.

Outro elemento interessante e que rompeu, em certa medida, com a perspectiva acadêmica alemã vigente, foi o reconhecimento que uma experiência direta com o objeto compeliu não apenas o interesse, mas o trabalho de Turner. “A fronteira foi real para mim”, disse ele muitos anos depois para Carl Baxter, “e quanto eu estudei História, eu não deixei minhas experiências pessoais num compartimento separado de meus estudos”⁶¹.

Southerners (a few relatively); a few negroes; many Norwegians and Swiss, some Englishmen, and one or two Italians [...] My school fellows were from all these varied classes and nationalities, and we all ‘got on together’ in this forming [...] society [...]” (SKINNER, C. S. Turner Autobiographic Letter, *The Wisconsin Magazine of History* (19, September), 1935, pp. 101-102).

⁵⁹ RIDGE, Martin. Introduction In: TURNER, Frederick Jackson. *History, Frontier and Section: three essays by Frederick Jackson Turner*. Albuquerque: University of New Mexico, 1993, pp.3-4.

⁶⁰ “Allen has always looked over my shoulder and stirred my historical conscience” (TURNER, Frederick Jackson. Letter to Carl L. Becker, 26 October 1920. *Frederick Jackson Turner Papers*, Henry E. Huntington Library, Box 34).

⁶¹ “The frontier was real to me, and when I studies history I did not keep my personal experiences in a watertight compartment away from my studies” (TURNER, Frederick Jackson. Letter to Carl L. Becker, 16 December 1925. *Frederick Jackson Turner Papers*, Henry E. Huntington Library, Box 34).

É preciso lembrar que a tese de Turner não serviu tão somente para o significado da fronteira, mas da História por si, nacional e importante para moldar as ideias do “ser americano” e dos Estados Unidos enquanto nação. Ela também foi uma importante, porém relativa, quebra de paradigma em relação ao primado histórico que servia como ossatura das pesquisas históricas no país.

Para Turner, o rápido desenvolvimento proporcionado pelo “deserto” americano levaria ainda, em última análise, o desdobrar de outras instituições, diferenciadas do caso europeu e saxão, além do desabrochar da americanidade e de um novo modelo de sociedade, bastante diverso daquele experimentado pelos pretensos antepassados dos estadunidenses.

As mudanças ocorridas entre os caçadores indígenas em contato com os entrepostos dos colonos na América seria a prova irrefutável do avanço civilizatório, necessário na relação com o outro. Desta feita, ao estabelecer sua agenda e a de seus mestres, o paradigma científico vigente, de cunho darwinista, poderia ser estendido para toda a sociedade americana com claros fins explicativos. Era preciso, portanto, estudar a sociedade como um organismo, i.e., os processos gerais que moldam e desenvolvem determinado contexto social, no intuito de abarcar toda a nação e transformar a história americana para além da abordagem puramente política⁶².

Se o impacto da teoria de fronteira de Turner não pode ser evitado, certamente um olhar sobre seu contexto de criação permite valorizar uma visão formativa holística da História, que leve em consideração o passado Antigo e Medieval nos projetos de construção dos Estados-Nações do século XIX e dos primeiros passos da História enquanto ciência.

Como tentei demonstrar brevemente, um conhecimento ao menos instrumental desse passado faz-se necessário, pois permeou a sociedade americana e os círculos intelectuais de dois continentes ao menos, preocupados tanto na legitimação dos países após as rupturas de finais do século XVIII até meados do século XIX.

Apesar da inovação proposta por Turner, ele era um filho de seu tempo, razão pela qual eu evoquei a “relativa ruptura”; se a teoria da fronteira americana melhor integra os diferentes grupos que compunham o Oeste “selvagem”, seria a evolução orgânica da sociedade para um modelo civilizador que demarcaria a formação de uma “raça mista”,

⁶² CRONON, *op. cit.*, p. 82, nota 11.

que serviria como emulsão integradora dos imigrantes de diferentes origens⁶³, diferente das leituras de Walker e Strong, por exemplo.

O indígena, evocado aqui e ali em seu ensaio mais famoso quando comparada à tese publicada pouco antes e menos conhecida, recebeu menos atenção no processo de integração e composição da sociedade americana. Ora tomado como aliado, ora como inimigo, como impulsionador do comércio ou receptáculo da civilização, o indígena, talvez de maneira deliberada, talvez inconscientemente, perdeu prestígio nesta explicação histórica de fundo imemorial, um profundo incômodo ao considerar o paradigma alemão incorporado pelos acadêmicos americanos. Se o saxão era naturalmente forte pelo contato com a selvageria da Floresta Negra, deturpado na passagem inglesa para florescer novamente em solo americano, como diminuir o status das populações nativas da América?

Os povos indígenas, assim, se tornaram um incômodo explicativo por ser o elemento humano nativo nos Estados Unidos. Para Turner, a terra livre, condição *sine qua non* para o desenvolvimento da democracia americana em vez das qualidades inatas germânicas, exigia que os europeus brancos e americanos fossem dispostos como mais legítimos habitantes das terras do que os indígenas, além de ofertar um modo de vida verdadeiramente americano⁶⁴.

A paulatina solução foi ocultar os nativos e manter, de forma sub-reptícia, o elemento racial nas explicações históricas americanas sob uma nova perspectiva. Se a fronteira seria o poderoso amálgama de diferentes povos, capazes de trazer suas contribuições e ajudar na criação da democracia americana, os indígenas seriam o fiel da balança do individualismo, elemento também essencial para os fundamentos democráticos americanos. Eles seriam, nestes termos, a oposição na linha que separa civilização e barbárie, uma distinção que abarcava não apenas a esfera social, mas também racial. Em suma, indígena deixou de ser visto como um homem para se tornar um símbolo⁶⁵.

⁶³ TURNER, Frederick Jackson. The Significance of the Frontier in American History In: AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION. *Annual Report of the American Historical Association for the Year 1893*. Washington: Government Printing Office, 1894, p.216.

⁶⁴ WRIGHT, Will. Removing the Indians In: _____. *The Wild West: the Mythical Cowboy and Social Theory*. London: Sage, 2001, pp.161-162.

⁶⁵ *Ibid.*, 162-163; CROOKS, Robert. From the Far side of the Urban Frontier: the detective fiction of Chester Himes and Walter Mosley In: MYRSIADES, Kostas & MYRSIADES, Linda (Eds.). *Race-ing Representation: Voice, History, and Sexuality*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1998, pp.175-198 (pp.176-177).

A teoria de fronteira turneriana, portanto, ocultou em si uma hipótese explicativa que inseriu as novas levas de imigrantes europeus nos Estados Unidos, parte integral da experiência de vida do historiador de Portage, Wisconsin. Contudo, tal olhar não era abrangente o suficiente para assumir também um papel mais central do indígena na História americana e manteve, no ponto cego de Turner, a discussão racial que ele aparentemente evitou a todo custo.